

Hair: “Paz e Amor!”

Leila Marrach Basto de Albuquerque
UNESP – Rio Claro.

Resumo

Este ensaio trata do movimento contracultural do pós-guerra a partir da dramatização apresentada no filme *Hair* dirigido por Milos Forman. Descreve-se e discute-se os principais temas que deram origem a uma cultura *hippie* como o pacifismo, o relacionamento desinteressado, o amor livre, as experiências religiosas e o uso de alucinógenos. Sugere-se algumas hipóteses acerca da presença deste movimento no Brasil e da sua ressignificação no contexto da pós-modernidade.

Palavras-chave: contracultura, *hippies*, revolta juvenil, cultura da espontaneidade.

Abstract

This essay examines the post war counterculture movement as it's shown by the dramatic representation of the motion picture *Hair*, directed by Milos Forman. It describes and discusses the main themes that originated the hippie culture like pacifism, uncommitted relationships, free love, religious experiences and the use of hallucinogenic drugs. It suggests a few hypothesis about the presence of this movement in Brazil and its resignification in the context of post-modernity.

Keywords: counterculture; hippies; youth rebellion; spontaneity culture.

O filme

*Hair*¹ é a versão cinematográfica dirigida por Milos Forman em 1979 da peça teatral homônima escrita por James Rado e Gerome Ragni, que estreou off-Broadway em outubro de 1967. O filme é do gênero musical e o cenário reproduz de modo emblemático o espírito da revolta juvenil que eclodiu no segundo pós-guerra chamado de contracultura. O enredo gira em torno de um grupo de jovens de comportamento libertário e lúdico que podemos identificar como *hippies*. Eles criticam e desafiam o modelo de sociedade capitalista, tecnocrata e individualista norte-americana através de uma vida comunitária, propostas pacifistas, amor livre de compromissos, uso de alucinógenos, indumentária enfeitada, cabelos longos e desarrumados.

Esses jovens - George Berger, Lafayette Johnson, Jeanie Ryan, Woof Dashund - são alegres, amorosos, solidários e procuram ser despojados nos seus relacionamentos em

¹ *Hair* (1979).

oposição ao controle e rigidez convencionais do modo de vida burguês. A eles junta-se um jovem da zona rural, Claude Bukowski, que chega a Nova York para alistar-se à luta no Vietnã e uma jovem de família tradicional, Sheila Franklin. O filme os mostra nos parques, praças e espaços públicos cantando e dançando ao lado de outros grupos de jovens. Ao longo da trama, a noiva de Lafayette e seu filho também são incorporados no grupo.

O eixo central do filme gira em torno do recrutamento de Claude para a Guerra do Vietnã e do seu envolvimento amoroso com Sheila. Com o intuito de proporcionar um último encontro entre ambos, Berger toma o lugar de Claude no quartel, involuntariamente acaba indo lutar no Vietnã e morre. Os outros personagens mostram as diferentes faces da proposta dos *hippies* por volta dos anos de 1960.

O sonho

O ideário da contracultura é apresentado sobretudo nas letras das músicas que retratam o enfrentamento das principais instituições do ocidente moderno: a segregação racial, a polícia, os militares, a propriedade privada e a família tradicional burguesa.

O título do filme resume aquele que foi o símbolo mais evidente dos *hippies*: cabelos longos e descuidados, sobretudo dos rapazes, em uma época em que os homens deveriam ter seus cabelos cortados curtos. A cena na cadeia em que Woof é interpelado por uma psicóloga acerca da sua longa cabeleira traz à tona diversos estereótipos ligados à masculinidade e comprimento dos cabelos. Porém, como mostra a música, ser cabeludo expressava independência e descaso para com as convenções sociais².

[...] Hair, hair, hair, hair, hair, hair, hair
Flow it, show it
Long as God can grow it
My hair
I want it long, straight, curly, fuzzy
Snaggy, shaggy, ratty, matty
Oily, greasy, fleecy
Shining, gleaming, streaming
Flaxen, waxen
Knotted, polka-dotted
Twisted, beaded, braided
Powdered, flowered, and confettied
Bangled, tangled, spangled, and spaghettied! [...]³.

² Sabe-se que os símbolos são polissêmicos e que cabelos desganhados podem assumir diferentes significados. Um deles, como mostram Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 153) “parece tratar-se de uma renúncia às limitações e às convenções do destino individual, da vida comum, da ordem social.”

³ Hair (www.vagalume.com.br).

Com esta disposição o filme mostra de quantos temas se constituiu esta utopia.

O pacifismo tem como alvo, especialmente, a guerra do Vietnã e está presente nas primeiras cenas do filme. Claude sai da sua casa na fazenda e é levado pelo pai até o ônibus que o levará à cidade, atravessa de caminhonete a zona rural americana com sua igrejinha simples, a estrada de terra, as frutas e as plantações. Deixa sua família para servir a pátria.

Ele chega ao Central Park onde se encontra um grupo de jovens. Berger está lendo em voz alta para o grupo a convocação para o alistamento militar: “Quem alterar, fraudar, destruir propositadamente, danificar propositadamente ou modificar de algum modo essa convocação, pode ser multado em até 10.000 dólares ou ser preso por até 5 anos”⁴. Em seguida, o grupo queima a convocação e foge dos policiais que assistiam a tudo e passam a persegui-los. Está aí definida a disposição dos *hippies* frente à guerra.

Porém, o espírito pacifista já estaria se disseminando por outros cantões da sociedade norte-americana e eclode no próprio exército. Enquanto um general empertigado discursa frente à tropa que iria para a guerra, ressaltando o poderio bélico e valores patrióticos americanos, o alto falante do quartel começa a transmitir o som de um rock que descreve a situação de destruição e morte no Vietnã. Os pelotões vão se descontraindo da posição de sentido, se animando e entram no clima de divertimento que a música proporciona. Ao mesmo tempo fica-se sabendo que a música foi colocada pelo sargento responsável pelo dispositivo de som, que por sua vez desertou. A música é interrompida quando o alto falante é alvejado com tiros de rifles e aí todos voltam à ordem e o general continua seu discurso.

Os principais componentes dessa utopia contracultural se expressam através elementos astrológicos, experiências psicológicas especiais e referências ao sagrado. A cena da dança dos jovens no Central Park após a perseguição policial mostra movimentos coreográficos extraídos do tai-chi-chuan ao som de uma música que descreve uma religiosidade cósmica propiciadora de um novo tempo:

[...]When the moon is in the Seventh House
And Jupiter aligns with Mars
Then peace will guide the planets
And love will steer the stars
This is the dawning of then age of Aquarius
The age of Aquarius
Aquarius!
Aquarius!
Harmony and understanding

⁴ Hair (1979)

Sympathy and trust abounding
No more falsehood or derision
Golding living
Dreams of visions
Mystic crystal revelation
And the mind's true liberation
Aquarius!
Aquarius!
Let the sunshine, lets the sunshine in, the sunshine in⁵.

O tipo de laço social que se estabelece entre os *hippies* é ilustrado em diferentes circunstâncias, sempre com ênfase na solidariedade desinteressada. Num caso, o grupo de jovens pede emprestado às três amazonas que praticavam equitação no parque os seus cavalos as quais, obviamente, estranham e não acedem ao pedido. Fica marcada, nesta cena, a lógica das diferenças classistas nas práticas sociais. Em seguida, pedem dinheiro a Claude para se alimentarem lembrando que Jeanie está grávida e este, após alguma relutância, atira alguns trocados na direção do grupo. Em outro caso, a substituição de Claude por Berger no quartel, enganando os oficiais e sabotando os controles do local de modo lúdico e divertido, para que Claude possa ir ao encontro dos outros no campo e encontrar Sheila, valoriza as intenções amorosas da contracultura. E finalmente, quando são presos, Claude, ainda relutante, acaba dando a sua reserva de dinheiro para pagar a fiança de Berger. Com isto Berger pode ir em busca de recursos com sua família para pagar a fiança dos outros companheiros, inclusive de Claude, numa expressão de solidariedade entre os membros do grupo.

Estas cenas mostram alguns dos ingredientes de um outro contrato social que a contracultura estava inventando em oposição aos comportamentos instituídos. A dádiva generosa estranha à economia capitalista, o espírito comunitário em oposição ao individualismo egoísta e a valorização dos afetos são sintetizados no bordão **Paz e Amor!**

Aliás, o tema dos afetos envolve também a questão do amor livre de compromissos apresentado através das personagens de Jeanie e Sheila. Jeanie é a única mulher entre os *hippies* antes da entrada de Sheila e da noiva de Lafayette. Ela está grávida, o que é motivo de alegria para o grupo e qualquer um dos rapazes poderá ser o pai da criança. Isto não os incomoda, absolutamente, pois como ela diz: “Os rapazes estão felizes, a criança vai nascer e logo saberemos”. Por outro lado, quando se apresenta a Claude e Sheila a possibilidade de ficarem juntos antes da ida dele para o Vietnã, Sheila argumenta: “Você vai embora amanhã, não é? Então do que adianta?”.

⁵ Aquarius (www.vagalume.com.br).

Estas duas circunstâncias retratam de modo contrastante a disposição para situações amorosas livres das convenções sociais ou atreladas a elas. O rompimento com os padrões instituídos é possível nesta e em outras circunstâncias a partir da valorização da espontaneidade e dos relacionamentos desinteressados. Neste caso, um outro bordão, agora inspirado no Zen Budismo e partindo do pressuposto de que tudo é fugidio, defende a importância de viver o **Aqui e Agora**.

É certo que as experiências alucinógenas são as mais intensas do movimento contracultural e o filme as apresentam nas cenas de um grande festival de música no campo, provavelmente alusivas a Woodstock. Aí se reúnem milhares de jovens, crianças, Hare Krishnas, grupos de rock e tribos diversas. Um rapaz distribui LSD aos jovens que recebem o ácido como a hóstia na comunhão. Inicia-se, então, a “viagem” de Claude que se dá inteiramente na igreja da sua região rural. Vestido de caubói ele se casa com Sheila Franklin, vestida de noiva. Uma seqüência de cenas surreais apela para a imaginação como aquela em que Berger aparece no altar e, ao trocar sua roupa por uma bata branca, transforma-se numa mulher que levita e canta cantos gregorianos. Também quando Claude e Sheila se beijam e ela engravida. Seguem-se, então, sempre dentro da igreja, manifestações de diferentes religiões: hinduísmo, expressões africanas, da polinésia, a católica, vãos angelicais, hare-krishna, levitação, acompanhadas de símbolos sagrados como a flor de lótus, Nossa Senhora e chamas de fogo. O fim da viagem mostra Claude saindo da Igreja e todos cantando uma música alusiva a esta experiência:

[...]Love, love
Love, love
Drop out
Drop out
Be in
Be in
Take trips get high
Laugh joke and good bye
Beat drum and old tin pot
I'm high on you know what [...]
Mrijuana marijuana
Juana juana mari mari
Marijuana marijuana
Juana juana mari mari [...]
Beads, flowers, freedom, happiness
Beads, flowers, freedom, happiness [...]⁶

⁶ Hare Krishna (www.vagalume.com.br).

A conexão entre experiência religiosa e psicodélica é evidente não só pelo local onde se dá a viagem de Claude mas também pela forte presença do imaginário religioso desde o momento da distribuição do LSD. O filme mostra a procura pela expansão da consciência conduzida pelos psicoativos associada a diferentes símbolos sagrados⁷. Deve-se chamar a atenção, aqui, para o fato de que essas experiências se dão fora de um sistema de fé particular. No filme, o agenciamento de uma infinidade de símbolos religiosos aponta para uma dimensão mística pessoal além dos domínios das religiões instituídas.

Aliás, o rótulo “sexo, drogas e rock-and-roll” que banaliza as experiências contraculturais pode fornecer uma pista interessante para compreender alguns dos móveis deste movimento: antiintelectualismo e anticientificismo. As experiências proporcionadas pelos estados alterados de consciência se apresentam como recursos que corroem a plausibilidade da cultura da tecnocracia. No limite, como ensina Roszak, investia-se contra as conseqüências da revolução científica do século XVII⁸.

A década de 60 foi também o tempo das mobilizações contra a segregação racial nos Estados Unidos as quais se deram por diferentes vias: a cristã de Martin Luther King, a islâmica de Mohamad Ali e a marxista dos Black Panthers. Estes movimentos estão presentes na personagem de Lafayette: ele exhibe sua identidade cultural africana nos cabelos encaracolados e na indumentária característica. Sua presença no grupo *hippie* mostra uma cumplicidade da contracultura com outros movimentos sociais da mesma época.

Os principais lugares em que se desenrola a trama do filme como as praças e os parques, onde inclusive ocorrem os grandes festivais de música, são também referências importantes do contexto mais amplo que cerca a contracultura. Eles mostram a presença de

⁷“Um estado alterado de consciência pode ser definido como uma alteração qualitativa no padrão comum de funcionamento mental em que o experienciador sente que a sua consciência está radicalmente diferente do seu funcionamento normal”. (p. 41). Os estados alterados de consciência mais rotineiros, explica ainda Tart (1991, p. 41), são experimentados no sonho, nos estados liminares do sono, e na intoxicação alcoólica, acrescentando que a contracultura os induz pelo uso da maconha, pelos psicoativos poderosos como o LSD, narcóticos, meditações, possessão e hipnoses.

⁸Rozzak (1972) considerou a contracultura como a “mais importante fonte de contemporânea de incormformismo radical e de inovação cultural” (p.15) e afirma que “a tecnocracia é aquela sociedade na qual governantes justificam-se invocando especialistas técnicos, que, por sua vez, justificam-se invocando formas científicas de conhecimento. E além da autoridade da ciência não cabe recurso algum” (p. 21). Explica que “a droga reveste-se [para os jovens da contracultura] do carisma de uma sabedoria esotérica, e eles a defendem com fervor religioso. O que Leary lhes ensinou foi que usar tóxicos não é uma traquinada juvenil; é o rito sagrado de uma nova era. Eles sabem, embora vagamente, que em algum ponto por trás da experiência proibida jazem ricas e exóticas tradições religiosas, poderes ocultos, salvação.” (p.171)

diversos segmentos sociais - burgueses conservadores, grupos de *hippies*, grupos de negros, crianças, policiais e o caipira Claude que chega em Nova York.- e a importância dos espaços públicos como locais abertos para o encontro com os diferentes de si. Com todas as suas possíveis e óbvias conseqüências - conflito, segregação, cooperação, aprendizado, tolerância, hostilidade, descoberta do outro... – a convivência no espaço público favorece a diversidade e a tessitura das coletividades.

Cá entre nós

O filme mostra a contracultura nos Estados Unidos, mas este movimento adquiriu dimensões internacionais atingindo as sociedades modernizadas do ocidente e do oriente. No Brasil e em outros países da América Latina a contracultura coincidiu com os regimes ditatoriais e com outras utopias. Era o tempo das polarizações políticas: direita ou esquerda, capitalismo ou comunismo, Estados Unidos ou União Soviética. A contracultura não escapou deste destino, o que serviu para estigmatizá-la: a guerrilha ou o desbunde. A resistência política aos militares pela via dos partidos e grupos de esquerda e as experiências libertárias contraculturais críticas ao modelo econômico se representavam como grupos antagônicos. Ambos os movimentos eram compostos por jovens, universitários, intelectuais e artistas, mas a mobilização contra o governo de exceção ganhou mais visibilidade histórica.

Esta circunstância marcou a memória da contracultura entre nós bem como o desinteresse dos intelectuais brasileiros em estudá-la. É voz corrente afirmar que a nossa contracultura se restringe ao movimento tropicalista, o que é limitado porque os anos entre 1960 e 1970 assistiram ao florescimento do Zen Budismo, da ioga, do tai-chi-chuan, das experiências com alucinógenos, das lutas marciais, da estética oriental como os jardins japoneses, a poesia *hai-kai* e a *ikebana*, das comunidades alternativas, da volta à natureza; todos eles componentes de primeira hora do movimento contracultural. Acrescente-se a isto a música de Raul Seixas e de George Mautner, o teatro junguiano de Fauzi Arap e as celebrações dionisíacas de Zé Celso. É digna de menção especial a chegada da Revista Planeta no Brasil em 1972 que registra e divulga aspectos significativos do movimento contracultural no exterior e aqui, e que soube acompanhar a trajetória e os seus múltiplos desdobramentos ao longo do tempo. Além disso, o “legado” da contracultura, como se costuma dizer, também está presente no país, como em todo o mundo desde os anos de 1980 nas múltiplas expressões da cultura alternativa.

Hoje

A contracultura talvez tenha sido o último projeto utópico da modernidade. Após os anos de 1970 ela ampliou suas bases por diferentes segmentos sociais. Hoje, nós vivemos no contexto da alta modernidade e as propostas da revolta juvenil dos anos de 1960 sofreram ressignificações e acomodações dentro da ordem neoliberal. Ao longo dos seus 50 anos a contracultura percorreu uma conhecida trajetória: a do carisma à rotinização, a do selvagem à domesticação, a do instituinte ao instituído, substituindo o fervor revolucionário por especializações diversas das suas principais propostas. Nasceram assim os diferentes ambientalismo, as terapias alternativas, as medicinas doces, as psicologias não convencionais, as receitas de auto-ajuda, o nomadismo religioso e os milenaristas novos paradigmas. Com isso, o ideário da contracultura vai alojar-se no interior de diferentes e consagrados campos como o científico, o filosófico e o político, estimulando o debate sobre as relações entre a ética e a ciência. Ao mesmo tempo essa cultura alternativa oferece atalhos para a inserção no mercado, com produtos e profissões que exploram o imaginário contracultural desvinculado, agora, de suas matrizes históricas.

O bordão Paz e Amor não condiz mais com os atuais espaços públicos, agora cercados e vazios, e é substituído por Campanhas e Passeatas pela Paz que idealizam uma sociabilidade entre iguais no interior de lugares defensivamente fechados. A rebeldia hoje se manifesta em ações pontuais, tópicas, como greves, abaixo-assinados, eleição de um político de perfil não convencional etc. que atendem a questões também pontuais, independentes entre si, sem um projeto coletivo agregador⁹.

Em lugar das experiências radicais com a maconha, o peyote e o LSD, temos hoje toda uma farmacologia que deve ser administrada com competência pelos jovens para “ficar bem e estar feliz”. A viagem ao interior de si é trocada pelo “turbinamento para a ação”¹⁰.

Neste novo contexto a associação das drogas com os riscos à saúde e à criminalidade é reforçada. Uma legislação repressiva assentada na perspectiva médica e policial - vício e crime - vem se constituindo desde o início do século XX, ignorando a relação dos homens com as drogas ao longo da história e da pré-história. A naturalização das drogas como

⁹ “Ao contrário do “coletivo orgânico” ao qual a adesão exigia uma abdicação do projeto pessoal do sujeito em benefício dos ideais comuns ao grupo, nos anos de 1960 e 1970, hoje o que vemos é um recurso pragmático aos pares; o coletivo é solicitado nos momentos de festa e “zoação”, mas isto não implica em lhe ceder a primazia que cabe ao projeto de vida de cada um” (ALMEIDA e EUGÊNIO, 2008, p. 395)

¹⁰ “Não mais se aceita que as asperezas da vida possam abalar um contínuo bem estar, e neste movimento transfere-se para o sujeito, tornado administrador dos estados de um corpo que opera como “alterego do *self*”, o direito e o dever de apresentar-se sempre em sua melhor forma”. (ALMEIDA e EUGÊNIO, 2008, p. 389).

“problema” desconsidera os diversos significados atribuídos a elas pelas diferentes sociedades ou segmentos sociais como fato da cultura e da história e ignora as contribuições das Ciências Humanas distantes das suas representações proibitivas¹¹.

Enfim, como nos ensina Marc Ferro¹² acerca do valor documental dos filmes, o filme vale pelo que testemunha. Hair¹³ mostrou um movimento social que, como tal, aconteceu independentemente das principais organizações –Estado, Igreja, partidos políticos - como repulsa ao controle institucional da sociedade. As ações e mobilizações destes jovens cabeludos expressaram a insatisfação radical que precede as grandes inovações culturais.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, EUGÊNIO, Fernanda. Paisagens existenciais e alquimias pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às “drogas” no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al. (orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

FERRO, Marc, O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (orgs). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

HAIR (filme-vídeo). Direção de Milos Forman, EUA: CIP Filmproduktion GmbH, color., son., VHS, V.O., 120 min, 1979.

LABATE, Beatriz Caiuby, FIORE, Maurício, GOULART, Sandra Lúcia. Introdução. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al. (orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

TART, Charles. Estados de consciência. In: WEIL, P. et al. **Mística e ciência**. Petrópolis: Vozes, 1991.

www.vagalume.com.br (acesso em 02/04/2009).

¹¹ Labate, Fiore, Goulart (2008).

¹² Ferro (1976).

¹³ Hair (1979).